

O MÚLTIPLO BASTOS TIGRE

Manuel Bastos Tigre estaria hoje praticamente esquecido, se não fosse o livro recente de um de seus entusiastas, o escritor Raimundo de Meneses, que lhe consagrou mais de 300 páginas, com o minucioso levantamento do ambiente literário do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século, por ele chamadas, à francesa, La belle époque. Período que era o do fim da vida boêmia, no qual os escritores teriam de se ajustar a outras normas de vida, a trabalhos mais sistemáticos e sérios. O próprio Bastos Tigre seria um desses, não direi "regenerados", mas readaptados, ou reciclados, bibliotecário da Universidade, chefe de uma firma de publicidade, inventor de slogans e marcas de comércio, como o de uma casa que iria se notabilizar pelo fato de fornecer duas calças para cada paletó e que seria por ele batizada com o nome aristocrático de Ducal.

Tive o privilégio de conviver com Bastos Tigre, nos anos finais de sua vida, na redação de A Noite, continuando, entretanto, a escrever os Pingos e Respingos, do Correio da Manhã, com o pseudônimo de Cyrano & Cia. (a companhia era a de sua filha, a jornalista Helena Ferraz, de espírito tão fino e sarcástico quanto o do pai). Convivemos, ainda, por largo tempo, nas reuniões do Conselho Deliberativo da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, de que foi presidente, como eu também viria a ser, das primeiras vezes com a sua solidariedade e o seu voto. Engenheiro que se desviou da profissão para a qual se formara sem a menor vocação, colega de estudos de Lima Barreto, amigo de meu pai, companheiro de Emilio de Meneses, de Olavo Bilac, de Luis Edmundo, de Viriato Correia e de outros espíritos que se distinguiram nas letras brasileiras, talvez o momento em que esteve em maior evidência foi quando dirigiu o semanário D.Quixote. Teve uma notável equipe de colaboradores: Humberto de Campos, Antonio Torres, Raymundo Magalhães, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Emilio de Meneses. E alguns dos mais notáveis caricaturistas da época, a começar por Calixto Cordeiro e Romano.

Bastos Tigre multiplicava-se em piadas, em legendas humorísticas, em versos satíricos, escrevendo até anūcios em versos, em estilo camoniano, em Bromilíadas, paródia de Os Lusíadas. O semanário era esfusiante. Ainda existia quando cheguei ao Rio de Janeiro e me lembro de ter visitado sua redação, na antiga rua Dom Manuel. O homem de imprensa, o humorista, o autor de comédias e revistas, praticamente faziam esquecer o poeta que havia em Bastos Tigre. Mas era ele um poeta, de forma talvez excessivamente tradicional, mas um autêntico poeta. Não se compreende que a Academia Brasileira de Letras, por mesquinhos ressentimentos de uns poucos elementos satirizados por sua verve, lhe tenha negado o quorum necessário a seu ingresso, quando por mais de uma vez se candidatou a uma de suas cadeiras. Na verdade, a Academia acolhera antes e também depois figuras de merecimento literário bastante inferior ao de Bastos Tigre. A reedição deste livro serve como peça de confronto, para quem quiser aferir a exatidão desse conceito.

R. Magalhães Júnior